



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA LUIZA DE SOUSA AZEVEDO

**O CURRÍCULO FESTIVO EM FOCO: olhares docentes sobre as datas comemorativas
na escola**

Brasília
2025

ANA LUIZA DE SOUSA AZEVEDO

**O CURRÍCULO FESTIVO EM FOCO: olhares docentes sobre as datas comemorativas
em uma escola do Distrito Federal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Pedagoga.

Francisco Thiago Silva
Orientador

Brasília
2025

CIP - Catalogação na Publicação

AA994cc Azevedo, Ana Luiza de Sousa .
O CURRÍCULO FESTIVO EM FOCO: olhares docentes sobre as
datas comemorativas na escola / Ana Luiza de Sousa Azevedo;
Orientador: Francisco Thiago Silva. Brasília, 2025.
52 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia)
Universidade de Brasília, 2025.

1. Currículo. 2. Currículo festivo. 3. Datas
comemorativas. 4. Docência. I. Silva, Francisco Thiago,
orient. II. Título.

ANA LUIZA DE SOUSA AZEVEDO

**O CURRÍCULO FESTIVO EM FOCO: olhares docentes sobre as datas comemorativas
na escola**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Thiago Silva
FE | UnB

Orientador

Profa. Ma. Mara Rubia Rodrigues da Cruz
SEDF

Examinadora

Profa. Dra. Cláudia Pinheiro Nascimento Silva
UCB

Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira
FE | UnB

Examinador

AGRADECIMENTOS

Percebi que ao longo dessa jornada acadêmica estive acompanhada de pessoas incríveis e especiais para mim, e com isso faço questão de agradecer a cada uma delas.

Primeiramente agradeço à minha mãe, por ser o maior exemplo de dedicação e perseverança que tenho, por me fazer acreditar que entrar na faculdade não era um sonho impossível e ter sempre se esforçado para que eu tivesse uma educação de qualidade e desse sempre o meu melhor.

Agradeço ao meu pai, que sempre esteve presente para me ajudar em qualquer momento de dificuldade e me incentivar nos estudos, além das várias vezes que me levou (e leva) para sair e relaxar a mente.

Agradeço ao meu namorado Iohanan, por estar comigo durante esses 4 anos e sempre ter me apoiado na faculdade, me buscado nos horários em que eu saía tarde ou me levar nos dias em que precisava ir muito cedo, por ter escutado minhas angústias e frustrações com a graduação, por ter sido meu suporte.

Agradeço ao professor Francisco Thiago, que tive o imenso prazer de conhecer logo no início da faculdade e me cativou com a temática do currículo e sua didática admirável e aceitou ser meu orientador neste Trabalho Final de Curso, suas aulas e seu perfil como docente é de se inspirar.

Agradeço a minha família como um todo, Daniel, Daiany, os meus tios George, Vinícios e Tiago, meus irmãos João Pedro, Bryan e minha irmã Maria Eduarda, que não importou a situação, vocês me ajudaram e auxiliaram da melhor forma, o companheirismo de vocês foi fundamental.

Agradeço às minhas amigas Poliana e Débora que estão comigo antes mesmo do ingresso na Universidade, o apoio que vocês me dão é indescritível, e poder concluir essa etapa acadêmica vendo vocês brilharem na vida é também gratificante. Agradeço aos amigos e amigas que fiz no curso, Júlia, Fernanda, Inde, João, Harley, posso afirmar que vocês coloriram a minha vida universitária durante esses 4 anos.

Agradeço a Profª Dra. Shirleide Cruz e a Profª Fernanda Escórcio no qual tive oportunidade de conhecer através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e que são professoras que me inspiram muito, levarei os ensinamentos e experiências para a vida.

Um agradecimento especial à minha cachorrinha Myka, que foi meu suporte emocional, meu alívio, minha alegria diária e minha companheira de caminhada de todo dia.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido que me possibilitou uma experiência universitária única, por meio dos eventos, atividades, festas, viagens e amizades.

Meus mais sinceros, muito obrigada!

MEMORIAL

Para este memorial, busco apresentar de maneira sucinta a minha trajetória como estudante, desde o período dos anos iniciais, conhecido como fundamental I, até chegar à faculdade, cursando Pedagogia na Universidade de Brasília (UnB), algo que foi inesperado para mim. Acredito que a escolha de introduzir este memorial seja fundamental para pensar em todo percurso trilhado por nós estudantes a fim de refletirmos em: “Como cheguei até aqui?”. Pensar em momentos impactantes e de aprendizados que me fez concluir esse curso com uma enorme bagagem, cheia de significados únicos para nós.

É relevante destacar que nasci e cresci no Distrito Federal, mais especificamente na região do Gama. Minha composição familiar mais próxima não chega a ser tão grande, mas os que estão presentes comigo como meus três tios, minha mãe, minha irmã e meus dois irmãos caçulas, e meu pai, foram os que me guiaram para chegar até aqui, sempre me apoiando e incentivando em toda minha jornada de vida social e principalmente acadêmica.

Minha história e relação com a escola não chega a ser tão diferente da realidade dos estudantes do Brasil. Sempre estudei em escola pública e por incrível que pareça, apesar de não me recordar muito detalhadamente, cada uma das escolas que passei me marcou de alguma forma impactante. Nos anos iniciais cheguei a trocar de escola 3 vezes, o porquê eu não sei, mas no meu 1º ano na EC 09, no dia em que minha mãe veio me buscar para trocar de escola, lembro da professora me abraçando e quase chorando porque disse que sentiria minha falta. No segundo ano fui parar em outra escola, aparentemente confundiram meu cadastro e eu fiquei nessa escola durante todo o ano, mas não me recordo nem um pouco das atividades que realizei lá. Já na minha terceira escola, onde fiquei do 3º ao 5º ano, tive tanto professoras boas que mantenho contato até hoje, quanto me recordo de experiências bem negativas com outras docentes. O fato é que todas as professoras e essas 3 escolas acrescentaram na minha jornada de alguma forma, eu sempre me esforcei para ser aluna nota 10 e elas também me acolhiam em todo esse percurso de aprendizagem.

Referente ao ensino fundamental II, passei os 4 anos no mesmo Centro de Ensino Fundamental com professores incríveis, alguns que ainda mantenho contato devido ao vínculo criado, e ainda tive a oportunidade de estagiar no mesmo local e acompanhar por outro ângulo como é a educação e a organização dessa escola. Nessa época, eu nem sequer pensava em universidade, vestibular ou algo do tipo.

O Ensino Médio foi de longe o período escolar mais significativo da minha vida, pois tive a oportunidade de ingressar no Instituto Federal (IF) e fazer o EM com Técnico Integrado

em Química. Nessa época, já era comum pensar em vestibular, universidade e semelhantes, mas ainda assim, isso não passava pela minha cabeça, mas optei por fazer o Programa de Avaliação Seriada, mais conhecido como PAS e outros cursos gratuitos preparatórios para o ENEM. Em 2020, mais especificamente 11 de março, no meu 3º ano do ensino médio, declarou-se a pandemia do Covid-19 e nesse momento paramos de ir às aulas, ficamos trancados em casa e sem expectativas do que poderíamos fazer. Foi um momento marcante e decisivo na minha vida, pois terminei o ensino médio por meio das aulas online, e apenas em 2021 que foi realizada a 3ª etapa da prova do PAS, no qual tive que escolher de uma vez por todas qual área de interesse eu pretendia cursar e participei da prova sem esperanças nenhuma de aprovação. O único interesse que eu tinha naquele momento era cursar inglês, pois já era familiarizada com a língua e o ensino, mas ainda não sei em que momento alguém me apresentou a Pedagogia e eu resolvi optar por esse curso, mesmo sem nem ter um pleno conhecimento sobre.

As coisas mudaram ainda mais quando veio a notícia inesperada e que muitos alunos de ensino médio anseiam receber: no dia 27 de outubro de 2021 eu fui convocada para o registro acadêmico relacionado ao meu curso. Isso mudou todo meu percurso de vida, pois já havia desistido dessa ideia e estava apenas em busca de um emprego qualquer, mas entrar na Universidade de Brasília foi a maior novidade para mim. Ainda em meio ao momento pandêmico, tive que aprender como mexer nas plataformas utilizadas pelos professores como Zoom, Teams e o Aprender3, além de me adequar a realidade de estar oficialmente integrada na Faculdade cursando o ensino superior e não ter conhecido os outros colegas que entraram no mesmo semestre que o meu.

Dado o fim da quarentena, pisei pela primeira vez na Universidade de Brasília, completamente perdida para onde eu deveria ir e sem o apoio de qualquer veterano ou semelhante. No início foi muito difícil a adaptação, ia da minha casa para a Faculdade de Educação (FE) e da mesma de volta para casa, nunca explorei os outros espaços como biblioteca, outras faculdades, restaurante universitário, nem mesmo o próprio centro acadêmico.

Entretanto, a situação mudou repentinamente quando percebi que queria desistir da graduação porque tudo estava sendo muito difícil e solitário, e todo aquele ânimo havia sumido. Em um desses momentos, resolvi por acaso ir ao Centro Acadêmico (CA), uma pequena sala onde têm sofás, micro-ondas, geladeira, entre outras coisas, e os estudantes sempre se reúnem neste espaço para conversar, jogar ou até mesmo dormir e mais uma vez eu tive uma virada de chave na vida. Comecei a ficar com mais frequência no CA, conheci pessoas no qual firmei uma amizade muito boa e me fizeram sentir acolhida pela primeira vez. Estávamos sempre

jogando alguma coisa, rindo, saindo, almoçando juntos e quando menos percebi, as coisas voltaram a ficar leves e menos estressantes, o universo acadêmico passou a fazer sentido novamente.

Pensando sobre todo o meu percurso já dentro da graduação, apesar de não ter feito nenhum estágio remunerado não-obrigatório, fui uma bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, mais conhecido como PIBID. Dentro do programa, coordenado pela Prof^a Dr^a Shirleide, eu realmente me inseri na escola pública para acompanhar o trabalho dos docentes do 1º ao 3º ano, entender como funciona um conselho de classe e coordenação pedagógica, ter discussões sobre a polivalência do pedagogo nos anos iniciais, realizar diferentes trabalhos pedagógicos dentro do programa, e refletir sobre o currículo das escolas mais de perto, inspirado no meu interesse em estudar sobre currículo da educação básica desde o 3º semestre. Os dois anos que passei no projeto, acompanhada por uma professora que tenho como referência de pedagoga, abriram meus olhos para vários aspectos que circundam o universo da educação no Brasil, além de ter conhecido o campo da Neurociência da educação e aumentado ainda mais minha paixão pela área.

Durante todo esse percurso de altos e baixos, vivenciei momentos inesquecíveis e que com certeza contribuíram para minha formação profissional: os estágios, as matérias específicas, projetos, ações e a gestão do Centro Acadêmico, no qual ingressei junto com outros colegas e elaboramos várias propostas e atividades de integração na Faculdade de Educação, a aproximação com os professores, as matérias e os demais alunos da universidade, e até mesmo a viagem nacional que fiz pela UnB, como parte do Movimento Estudantil, para discutir sobre o direito dos estudantes e outras implicações.

Na reta final do curso, no meu 8º semestre, fui chamada para compor o grupo de pesquisa para elaborar os padrões de desempenho do Enem e do Saeb, coordenado pela Prof^a Dr^a Gírlene, sendo uma parceria do Inep com a UnB. Foi a primeira vez em que eu atuei em um espaço não-escolar no qual um pedagogo podia fazer parte e afirmo que foi uma das melhores experiência que tive, despertando o meu interesse em trabalhar em espaços parecidos e até mesmo pensando na formação de professores.

Durante todo esse percurso, percebi que a UnB oferece um leque de oportunidades de se envolver em outros cursos e outras temáticas, e fui me animando com a ideia de fazer várias outras matérias de licenciatura por simplesmente amar o que eu estudo, cogitando até fazer dupla graduação em Educação Física, mas a ideia não foi para frente. Participei de alguns eventos impressionantes como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), Manifestações em prol da educação, um evento da Sociedade Brasileira para o Progresso da

Ciência (SBPC), no encontro em Recife do Conselho Nacional de Entidades de Base da União Nacional dos Estudantes (CONEB da UNE) e principalmente da Semana Universitária da UnB, no qual inclusive ministrei oficinas para os estudantes de práticas pedagógicas.

Ao longo de toda essa jornada acadêmica, já tinha pensado em Trabalho Final de Curso (TFC) desde o primeiro semestre e com isso, me encantei com a temática de currículo justamente por entender sua importância e seu grande impacto educacional e social no processo de aprendizagem dos estudantes.

Fascinada nesse tema desde o início da graduação, passei a observar mais atenciosamente diversos Projetos Políticos Pedagógico (PPP) das escolas, um documento que temos o costume de analisar em muitas disciplinas, e em meio às vivências na escola pública e relato de professores, surgiu o interesse em realizar o TFC no âmbito de currículo, analisando seus impactos na educação.

Outro fato relevante que me guiou para a escolha da temática foram as monitorias que realizei na Faculdade de Educação. O trabalho como monitora na disciplina de Currículo, no qual realizei duas vezes com o professor e meu atual orientador, Prof. Dr. Francisco Thiago, possibilitou um contato ainda mais próximo com a temática junto com a oportunidade de aprofundar na discussão e encontrar outros textos relevantes para se trabalhar. Nas aulas, foi possível ver também, do ponto de vista dos alunos matriculados na disciplina, suas percepções a respeito do currículo e como compreendiam o currículo festivo. Além desses fatores, foi na 2ª vez no qual me inscrevi como monitora, no semestre de 2025.1, que surgiu a inspiração necessária para criar um mapa mental esquemático com tudo o que queria pesquisar para compor o trabalho final de curso.

Ao escolher o professor Thiago como orientador para minha pesquisa, foi possível participar das reuniões com o grupo de pesquisa sobre Currículo e Processo Formativo da Faculdade de Educação no qual ele coordena, e acompanhar as discussões sobre currículo que vão para além do plano de ensino, como os eventos, as novas propostas, o trabalho de mestrandos e doutorandos, entre outras atividades.

Espero ao final deste trabalho, contribuir para estudo e interesse pela discussão das festividades dentro do currículo da educação básica, enfatizando ainda mais a importância dessa temática e da disciplina de Currículo para a formação de profissionais capacitados que a Faculdade de Educação sempre busca formar.

RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender quais são os sentidos e significados que professoras dos Anos Iniciais de uma escola pública do Plano Piloto atribuem às datas comemorativas que são selecionadas e implementadas pela instituição de ensino. A fim de contextualizar a problemática, será explorado os conceitos por trás da função social da escola, a noção de currículo e suas fases e a concepção de currículo festivo. O referencial teórico utilizado apoia-se nos seguintes autores: Saviani (2011); Sacristán (2000) e Silva (2017, 2022). Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa utilizando como instrumentos para a análise a entrevista semiestruturada com 2 docentes e uma breve revisão sistemática de artigos, teses e dissertações publicadas em concordância com o eixo temático “currículo festivo”, em bibliotecas digitais como Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, SciELO e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. A busca nas plataformas digitais evidenciou uma lacuna referente à produção acadêmica no campo de conhecimento do currículo festivo. A segunda etapa de entrevistas com 2 docentes demonstrou que ainda há professoras apoiando-se nas datas para fazer seus planejamentos semanais enquanto outras buscam ter um posicionamento mais crítico. Conclui-se que é preciso que os agentes modeladores do currículo compreendam as temáticas sociais por meio de estudos contínuos e as trabalhem ao longo do ano letivo, viabilizando reflexões críticas e participação ativa dos estudantes.

Palavras-chave: currículo; datas comemorativas; currículo festivo; docência.

ABSTRACT

The aim of this research is to understand what are the meanings and interpretations which teachers at a public elementary school in Plano Piloto give to commemorative dates that are selected and implemented by the educational institution. To contextualize the problem, concepts behind the social function of the school, the notion of curriculum and its phases and the conception of festive curriculum will be explored. The theoretical framework used is based on the following authors: Saviani (2011), Sacristán (2000) and Silva (2017, 2022). This is a qualitative research study that use as instruments for analysis the semi-structured interview with 2 teachers and a brief systematic review of published articles, thesis and dissertations in accordance with the thematic axis “festive curriculum”, in digital libraries as Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, SciELO and Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. The search on these digital platforms revealed a gap in academic production in the field of knowledge of curriculum festive. The second stage of interview with 2 teachers showed that there are still teachers relying on dates to make their weekly plans while others try to make a more critical stance. It can be concluded that curriculum modeling agents need to understand the social issues through continuous study and work them through the school year, enabling critical reflection and active participation by the students.

Keywords: curriculum, commemorative dates, festive curriculum, teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Trabalhos publicados na BDTD com a busca “data(s) comemorativa(s)”	15
Quadro 2	- Trabalhos publicados na rede SciELO com a busca “datas comemorativas”	25
Quadro 3	- Trabalhos publicados na CAPES com a busca “data(s) comemorativa(s)”	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos do trabalho	16
2 METODOLOGIA.....	17
2.1 Revisão Sistemática: o que dizem os bancos de dados sobre a nossa temática.....	17
3 REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA.....	23
3.1 Alguns marcos históricos para pensar o Ensino no Brasil	24
4 ENTENDENDO O QUE É CURRÍCULO.....	28
4.1 O Currículo como arquitetura documental e política: do nacional ao local	30
4.2 Currículo e suas fases	31
4.3 Fundamentos do Currículo Festivo.....	33
5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS DATAS COMEMORATIVAS	35
5.1 O que dizem as pesquisas?	37
5.2 Projeto Político Pedagógico da instituição	38
5.3 Análise da entrevista: o que pensam as docentes?	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	52
APÊNDICE B – Roteiro para entrevista com as docentes.....	53

1 INTRODUÇÃO

A concepção de currículo é abordada por diversos autores referências no campo e seu conceito é bastante amplo, abrindo uma gama de possibilidades para sua interpretação e compreensão. José Gimeno Sacristán, uma das grandes referências no estudo sobre currículo, aponta em seu livro “Saberes e Incerteza do Currículo” a definição dessa palavra a partir do latim, *curriculum*, e traz a partir disso alguns dos usos para essa palavra ao longo da história, como a ideia do “*cursus honorum*” utilizado na Roma Antiga (Sacristán, 2013).

Ao pensar na associação entre educação e currículo, é inevitável o pensamento da grade escolar, ou seja, vem à tona aquelas matérias que vão ser ensinadas em determinado período do ano escolar ou os conteúdos que vão ser ministrados em uma disciplina da faculdade. De fato, esse pensamento não está equivocado, visto que Sacristán (2013) salienta a origem do currículo como:

(...) o currículo significava território demarcado e regado do conhecimento correspondente aos conteúdos que professores e centros de educação deveriam cobrir; ou seja, o *plano de estudos* proposto e imposto pela escola aos professores (para que o ensinassem) e aos estudantes (para que o aprendessem) (Sacristán, p.17, 2013).

É inegável que o currículo de fato determina conteúdos previamente selecionados que vão ser abordados, no qual os professores devem ensinar e cabe aos alunos aprenderem, mesmo que seja de maneira fragmentada e sem diálogo entre os conteúdos escolhidos. Pensar quais são as implicações de um currículo para a prática escolar reflete diretamente no discurso de qual educação queremos, para quem estamos ensinando e sobre o que julgamos que são saberes válidos para ensinar ou não, resultados de um processo de escolha e poder decisivo.

Quando pensamos nos conteúdos que vão ser ensinados, desde muito cedo há o costume de questionar o porquê de se aprender aquele tema específico, acompanhado de diversas indagações: “Por que preciso aprender isso? Em qual ocasião vou usar essa fórmula? Para que isso vai me ser útil? Qual a necessidade dessa matéria?” entre outras expressões que muito escutamos ou até mesmo, repetimos ao nos deparar com uma matéria nova.

Enquanto estudioso ou pesquisador, questionamentos como estes apontados tendem sempre a surgir frente a novos conteúdos e o mesmo pensamento é válido para novas experiências. Tendo em vista esses apontamentos, o problema de pesquisa no qual pretendemos debruçar parte da incerteza sobre a prática de festividades muito adotada em praticamente todas as escolas do Brasil.

A cultura escolar pelo qual estamos acostumados a vivenciar está repleta de datas comemorativas e muitas delas acompanhadas de grandes festas, como Dia das Mães e Dia dos Pais ou apenas Dia da Família (nomenclatura que vem sendo adotada pelas escolas nos últimos anos a fim de não fazer a separação de datas para comemorar um dia especial para responsáveis pelas crianças). Ainda há também outras grandes festas que são realizadas com o intuito de “celebração” tal como o Dia do Indígena ou Semana da Consciência Negra e até mesmo o Natal.

Essas entre outras datas são estabelecidas no calendário escolar das unidades educacionais responsáveis de cada região, e de certo modo, adicionadas ao planejamento das professoras ou até mesmo ao Projeto Político Pedagógico de cada instituição escolar.

Considerando a experiência como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível acompanhar durante 18 meses, toda a rotina de uma escola pública do Ensino Fundamental I localizada na Asa Sul e participar das atividades pedagógicas e as festividades típicas da instituição.

Esta vivência possibilitou observar como se estabelecem as festividades e as datas comemorativas no planejamento e organização curricular dessa escola, além de perceber como as docentes da instituição organizavam suas atividades pedagógicas para atender as exigências de trabalhar com as datas previamente escolhidas.

A escola selecionada localizada na Asa Sul compõe parte da região administrativa Plano Piloto, que também é composta pela Asa Norte, Setor Militar Urbano, Setor de Garagens e Oficinas, Vila Planalto, Vila Telebrasil, Eixo Monumental, Setor de Embaixadas Sul e Norte, Setor de Clubes, Esplanada dos Ministérios, Setor de áreas Isoladas Norte, Noroeste e o Parque Nacional de Brasília (Distrito Federal, 2024).

Atualmente, a instituição atende do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I com 286 alunos (PPP, 2024), organizada em ciclos de aprendizagem. O espaço educativo, é bem dividido para atender as necessidades do local e dispõe de 16 professoras, além dos demais funcionários. No PPP, destaca-se os seguintes eixos norteadores: alfabetização, letramento e ludicidade, baseados no Currículo em Movimento do DF e na Base Nacional Comum Curricular.

A partir dessa experiência de observação e prática, surgiu o questionamento que motiva a produção dessa pesquisa que compõe o Trabalho Final de Curso: **Quais são os sentidos e significados que as docentes atribuem às datas comemorativas em sua prática pedagógica?**

Por meio dessa indagação, serão refletidos os aspectos que compõem o currículo, tal qual suas fases e o “currículo festivo”, cunhado por Silva (2017), como são postas as datas comemorativas nesta instituição de referência e compreender de certo modo até que ponto a

experiência docente é afetada por meio das festividades, ocupando o espaço que deveria ser destinado ao trabalho com outras temáticas do currículo escolar.

Para tal, será utilizado entrevista com as professoras participantes, com o objetivo de entender suas percepções sobre o tema a partir de suas vivências em sala de aula. O referencial teórico no qual esse estudo se baseia são os autores estudiosos do currículo: José Gimeno Sacristán, Francisco Thiago Silva, Tomaz Tadeu da Silva juntamente com a perspectiva da teoria Histórico-Crítica do professor brasileiro Dermeval Saviani.

Esta pesquisa está organizada de tal modo para que se possa compreender inicialmente a função social da escola, os conceitos principais sobre currículo, apresentação das pesquisas acadêmicas produzidas no campo de discussão sobre as datas comemorativas e uma seção dedicada para descrição sobre o currículo festivo juntamente com as análises e reflexões obtidas a partir das entrevistas semiestruturadas.

A revisão sistemática nas bibliotecas digitais ScieELO, Catálogo de Testes e Dissertações da CAPES e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações evidenciou uma lacuna teórica referente ao campo de discussão do Currículo Festivo apontado por Silva (2017) e algumas apoiaram-se na definição de currículo descrita por Sacristán (1991).

Espera-se ao final deste trabalho contribuir com a discussão na área de currículo, em específico a respeito destas datas comemorativas, para que o debate sobre a temática seja cada vez mais discutido e aprofundado, levando em conta o campo criado por Silva (2017) como currículo festivo, considerando suas implicações na autonomia docente e o aprendizado considerado válido ou não, buscando entender como isso reflete na construção do sujeito-aluno.

1.1 Objetivos do trabalho

Objetivo Geral: Compreender quais são os sentidos e significados¹ que as docentes atribuem às datas comemorativas em sua prática pedagógica.

Objetivos Específicos:

- I. Compreender as fases e níveis do currículo;
- II. Reconhecer o sentido da função social da escola;
- III. Levantar dados a respeito das pesquisas produzidas no campo;
- IV. Interpretar os sentidos e significados que as docentes atribuem às datas comemorativas em sua prática pedagógica na escola.

¹ De acordo com o dicionário, “sentido” expressa significação, interpretação, enquanto “significados” representa a definição atribuída a um termo, a relevância que se dá a algo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>

2 METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado para esta pesquisa de caráter qualitativo foi a entrevista semiestruturada com duas professoras de uma instituição pública dos Anos Iniciais, mas é relevante destacar que anterior a esse processo foi feita uma revisão da literatura por meio da revisão sistemática. Teses e dissertações foram as principais fontes de informação escolhidas para o repertório deste trabalho acadêmico.

A escolha da abordagem qualitativa se justifica pela sua possibilidade em compreender as perspectivas dos atores sociais participantes na pesquisa, reconhecendo seus significados subjetivos em relação ao objeto de investigação, conforme aponta Flick:

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa (Flick, p. 25, 2009).

Sendo assim, o caráter da pesquisa qualitativa se apresenta como primordial para alcançar os objetivos especificados neste trabalho. É válido salientar que consideramos os princípios éticos para a realização da pesquisa, garantindo o consentimento dos participantes e a confidencialidade das informações.²

2.1 Revisão Sistemática: o que dizem os bancos de dados sobre a nossa temática

A revisão sistemática de trabalhos acadêmicos foi escolhida para reconhecer o que está sendo debatido atualmente na área do currículo e entender se há pesquisas que se apoiam na noção de “currículo festivo” para debater sobre os temas que circundam este campo.

Em um primeiro momento, para realizar a busca de trabalhos que abordam sobre o assunto das datas comemorativas, foram utilizados os seguintes repositórios institucionais digitais como referência: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scielo e o catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

A escolha desses repositórios digitais é justificada pela ampla variedade de artigos, teses e dissertações publicadas durante períodos variados. São de fácil acesso, as ferramentas de

² Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) apresentado no anexo.

busca de todos são simples e permitem utilizar filtros para refinar a busca, aprimorando o resultado.

A revisão sistemática de trabalhos acadêmicos foi escolhida para reconhecer o que está sendo debatido atualmente na área do currículo e entender se há pesquisas que se apoiam na noção de “currículo festivo” para debater sobre os temas que circundam este campo.

É válido ressaltar que não foi necessário fazer um recorte temporal para procura dos trabalhos, visto que é uma temática com pouca produção acadêmica e as publicações compreendem os anos entre 2017 e 2024.

Iniciamos a busca de pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações³, na qual foi lançada ao final de 2002 e é mantida pelo Instituto brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, que se consolida como uma iniciativa com o objetivo de disseminar e dar visibilidade para as teses e dissertações brasileiras, atuando como um sistema eletrônico de publicações.

Atualmente, a Biblioteca conta com mais de 1 milhão de documentos publicados, sendo mais de 700 mil teses e 300 mil dissertações, de 163 instituições parceiras.

A primeira busca foi realizada no *site* BDTD utilizando inicialmente a palavra-chave “data comemorativa”, refinando a busca para a área de conhecimento CNPq “Educação” e foram encontrados apenas 19 resultados. Entretanto, dos 19 resultados obtidos, apenas 3 abordaram em específico a data comemorativa voltada para a educação infantil, educação ambiental no ensino médio e ensino de música, mas nenhum deles traz em específico suas indagações voltadas para os anos iniciais, apesar das contribuições relevantes para o estudo.

Ao pesquisar usando o descritor no plural “datas comemorativas”, os resultados não se alteraram.

Quadro 1 – Trabalhos publicados na BDTD com a busca “data(s) comemorativa(s)”

Ano	Título	Autoria
2017	Datas comemorativas e o currículo da educação infantil: Reflexões sobre pedagogias decolonizadoras e relações étnico-raciais	Cecília de Campos Saitu

³ Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

2020	Educação ambiental no currículo escolar do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal Goiano Campus Rio Verde	Viviane Proto Ferreira
2020	ENSINO DA MÚSICA NA FORMAÇÃO HUMANA: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE MÚSICA DO PROJETO ARTE E CULTURA DA SEMED (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO) DE CAMPO GRANDE-MS	Nathalia Gueiros Nunes

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Esses três e únicos trabalhos encontrados demonstram que a produção de pesquisa com esta temática específica ainda é pouco discutida dentro do campo do currículo e o período em que o debate ocorre é recente.

Ao escolher a palavra de busca “currículo festivo”, sem filtros, foram encontrados 49 resultados. Destes nenhum trazia em específico a temática do currículo festivo, e apenas 2 artigos tratavam da festividade nas instituições de ensino, mas nenhum deles apresentou o olhar voltado para a discussão do currículo festivo em si, apenas para outra vertente de estudo.

O outro repositório utilizado para esta pesquisa foi o *Scientific Electronic Library Online* Brasil⁴, abreviado para SciELO Brasil. Iniciado no Brasil no ano de 1998, este portal possui no momento um total de 328 periódicos de 8 grandes áreas do conhecimento e um total de 315.829 artigos em Língua Portuguesa.

Os trabalhos são coordenados pela Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo (FapUNIFESP) e mantida pelas três grandes organizações: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Ao realizar a busca utilizando as mesmas palavras na plataforma SciELO, os resultados obtidos foram: utilizando “data comemorativa” na ferramenta de busca, sem filtros, somente 4 resultados foram encontrados, sendo nenhum deles destinado ao problema investigado. Ao selecionar a mesma palavra-chave no plural “datas comemorativas”, sem filtros, apenas 6 artigos encontrados, sendo apenas 2 voltados para a temática e abordando exclusivamente o Dia das Mães e Dia dos Pais.

⁴ Disponível em: <https://www.scielo.br/>

Já com a busca sendo “currículo festivo”, nenhum resultado foi encontrado, evidenciando que a discussão na área ainda não foi bem explorada no campo dos artigos científicos.

Quadro 2 – Trabalhos publicados na rede SciELO com a busca “datas comemorativas”

Ano	Título	Autoria
2024	Dia dos Pais, Dia das Mães: quem está contemplado(a)? Discussões sobre eventos escolares.	Eliane Rose Maio, Fernando Guimarães Oliveira da Silva, Márcio de Oliveira
2023	Querida mamãe, querido papai”: a invenção de uma prática escolar (1964 - 1980).	Vania Grim Thies e Joseane Cruz Monks

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Os 2 artigos encontrados, publicados recentemente, abordam em específico o Dia das Mães e dos Pais, mas também não utilizam o aporte teórico do currículo festivo e direcionam o foco da pesquisa apenas para esta festividade em específico.

Prosseguindo com a atividade de procurar publicações que tratem do assunto, a plataforma Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES⁵ foi a última escolhida para a busca. Com a primeira palavra-chave “data comemorativa”, aplicando o filtro “Educação” para a área de conhecimento, foram encontrados 26 resultados, sendo 5 destes voltados exclusivamente para tratar das questões das datas comemorativas, 4 deles destinados aos estudos no campo da educação infantil, 1 para os anos iniciais e outro para análise documental.

Ao colocar a busca no plural “datas comemorativas”, utilizando o mesmo filtro, os resultados obtidos foram os mesmos da busca anterior.

⁵ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Quadro 3 – Trabalhos publicados na CAPES com a busca “data(s) comemorativa(s)”

Ano	Título	Autoria
2022	As datas comemorativas e as expressões artísticas no ensino fundamental	Mayron Engel Rosa Santos
2023	E HOJE, É DIA DE QUE? Problematicando as datas comemorativas enquanto equivalente aos conteúdos na pré-escola à luz da Pedagogia Histórico-Crítica.	Bruna Ferreira Generali Aquino
2023	AS DATAS COMEMORATIVAS SOBRE AS MULHERES NA ESCOLA: UM ESTUDO NOS DOCUMENTOS DA TV CEM (1994 – 2009)	Claudia Maria De Sousa De Lima
2023	PERSPECTIVAS SOBRE O CURRÍCULO OCULTO: AS DATAS COMEMORATIVAS INTERPELAM O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Joice Kelly De Oliveira Macedo Silva
2016	Currículo da Educação Infantil e Datas Comemorativas: O que dizem profissionais e crianças	Marta Nidia Varella Gomes Maia
2017	DATAS COMEMORATIVAS E O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: Reflexões sobre pedagogias decolonizadoras e relações étnico- raciais	Cecilia De Campos Saitu

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Na plataforma CAPES, um número maior de produções foram encontradas, em comparação às outras duas bibliotecas digitais utilizadas. As 6 pesquisas encontradas, publicadas em anos próximos, evidencia um leve aumento de produções no campo temático.

Finalizando a busca com “currículo festivo”, 34 resultados foram encontrados, sem nenhum filtro aplicado. Ao selecionar “EDUCAÇÃO” para a “Área do Conhecimento” como filtro para a busca, apenas 7 resultados foram obtidos e nenhum deles é referente ao que é de

fato currículo festivo, estando voltado apenas para festividades em um geral, como as danças e as expressões artísticas.

É possível afirmar que há sim pesquisas voltadas para refletir sobre as datas comemorativas, variando sempre no ponto de análise do objeto estudado (como analisar as danças, ou entender as criações artísticas), mesmo que em pouca quantidade.

As pesquisas que pensam as datas comemorativas estão muito mais focadas no âmbito da educação infantil, procurando entender o sentido por trás de tanta decoração na escola ou a produção de presentes (raramente feito pelas crianças) sem objetivos pedagógicos, do que as práticas realizadas nos anos iniciais do ensino fundamental.

A respeito das pesquisas voltadas para a temática específica do currículo festivo, foi possível perceber uma lacuna em relação aos trabalhos publicados nesta área do conhecimento, evidenciando a necessidade de atribuir o termo “currículo festivo” para compor os trabalhos que envolvem o questionamento e pesquisas sobre essas festividades escolares, apropriando-se de um aporte teórico próprio para compor o estudo.

Após essa revisão sistemática que buscou verificar quais trabalhos foram produzidos que abordem a problemática das datas comemorativas nas instituições escolares, realizamos a segunda parte deste trabalho, que consistiu na entrevista semiestruturada online, por meio da plataforma Teams, com 2 docentes dos Anos Iniciais da escola do Plano Piloto no qual realizei o PIBID durante 18 meses.

A escolha desse modelo específico de entrevista se justifica pelo seu caráter interativo, no qual permite ao entrevistado maior liberdade nas respostas e amplia o campo de questionamentos (Souza, Carvalho, 2023) possibilitando maior flexibilidade para perguntas e um espaço mais aberto para o entrevistado se expressar.

3 REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Inicialmente, é válido pensar qual é o papel da escola no processo de desenvolvimento dos estudantes que passam por ela. Para isso, é preciso assentir que a escola não deve ser apenas uma instituição no qual o aluno permanece por um longo período, engolindo matérias e inúmeras informações desconexas, no qual o estudante aguarda ansiosamente para a hora de ir embora. Ela deve ser estruturada de tal modo que os saberes sejam apropriados, o conhecimento sistematizado deve ser o foco para tornar necessário a existência da Escola (Saviani, 2011).

É nessa linha de pensamento que Saviani, filósofo e pedagogo brasileiro, se aprofunda em seus estudos e publicações para refletir sobre o que é a educação de fato e como a escola deve ser posta com seu papel fundamental de ensino:

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar (Saviani, 2011, p. 14).

A indagação sobre a existência da escola, qual sua utilidade para a sociedade não é um questionamento recente, mas sempre se manteve presente nas discussões quando o assunto é relacionado à escola, havendo movimentos na área das ciências humanas com duras críticas em relação ao papel das escolas marcados pelas suas respectivas ideias, sejam ela neoliberais, capitalistas, pós-modernistas ou pós-estruturalistas (Young, 2007).

A resposta para a pergunta apontada anteriormente pode ser respondida de diferentes formas, a depender do posicionamento do indivíduo que a defende ou contraria sua existência e papel social. Nesse sentido, concorda-se com o sociólogo Young (2007), ao trazer a visão da escola como um espaço de capacitação de jovens para adquirir conhecimento, que em sua maioria, não pode ser adquirido fora desse local de aprendizagem. É válido ainda, complementar, que o conhecimento descrito se refere ao conhecimento sistematizado, e pensando na escola como espaço de ensino, ela se destina a crianças, jovens, adultos e idosos.

Apesar das inúmeras críticas que se escutam sobre a instituição escolar no cotidiano, seja ela vinda de alunos, pais, profissionais da educação ou a sociedade como um todo, e tendências de desescolarização, no qual consideram a escola negativa (Saviani, 1991), é imprescindível posicionar-se em defesa das existências das escolas de qualidade e demonstrar suas potencialidades.

Concordando com esses pensamentos é válido enxergar a escola, o seu papel primordial, como uma instituição que preserva o saber acumulado, como aponta Carvalho (1996):

À escola, como instituição que preserva e lega às gerações mais jovens o saber acumulado pela cultura do mundo público e comum aos homens, cabe ser a transmissora dessas conquistas intelectuais e culturais de nossos antepassados. Somos, assim, agentes sociais e profissionais portadores de uma tradição e de um saber que remonta a vários séculos, de sociedades que desenvolveram a escrita, a matemática, as ciências, as artes e que nos formaram tal como hoje somos (Carvalho, 1996, p. 38).

Ainda pensando sobre a temática, e concordando com os autores apresentado, Saviani também afirma:

Em outros termos, a escola tem uma função especificamente educativa, propriamente pedagógica, ligada à questão do conhecimento; é preciso, pois, resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar (Saviani, 1991, p. 84).

Nesse sentido, a fim de dar prosseguimento com as próximas seções, julgou-se crucial esclarecer inicialmente o que podemos entender como escola, seu papel e sua importância, e o motivo pelo qual a escola existe, sendo ele o de preservar o saber acumulado e manter sua função educativa, que é a transmissão do conhecimento, construção do indivíduo e seu desenvolvimento cultural.

3.1 Alguns marcos históricos para pensar o Ensino no Brasil

A concepção de escola e o modelo de ensino que temos hoje são diferentes dos que existiram ao longo das décadas, mas influenciaram no modelo atual de educação no Brasil.

Os estudos voltados para analisar e relatar sobre como se constituiu a educação no Brasil data o ano de 1549, marcando quase 500 anos da educação brasileira até este ano de 2025. O estudo de Paulo Rennes M. Ribeiro (1993) traz reflexões sobre os momentos de educação no Brasil, apresentando alguns pontos relevantes da história.

O primeiro período da história em que aponta como os eventos que levaram ao surgimento de uma educação no Brasil, datam o ano de 1549, com as chegadas de padres jesuítas ao território brasileiro. O objetivo almejado por esses padres era o de catequizar os povos nativos do território, enfatizando o ensino da língua portuguesa e da doutrina cristã. É neste período também em que há o *Ratio Studiorum*, modelo de ensino estruturado pelos

jesuítas no qual ficou conhecido como a origem da organização da educação no Brasil (Silva, 2017).

Neste momento inicial, por assim dizer, apresenta a educação voltada exclusivamente para o ensino estritamente religioso e a imposição da língua do país colonizador, destacando o poder educacional e a enorme influência que a Igreja católica desfrutava.

No ano de 1759, com a expulsão dos jesuítas, o responsável por realizar reformas na educação que refletiu todo o Brasil, Marquês de Pombal, possibilitou a mudança do poder educacional que estava nas mãos da igreja católica, para responsabilidade do Estado (Ribeiro, 1993). Apesar dessa mudança significativa, o ensino ainda se baseava em memorização, havia um caráter autoritário e sem espaço para a liberdade criativa, conforme Ribeiro apontou ao realizar uma nota, em 1993, para refletir sobre a história da educação no Brasil:

Porém, mesmo após a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a instauração das Aulas Régias, a situação não mudou, pois o ensino continuou enciclopédico, com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares, abafando a criatividade individual e desenvolvendo a submissão às autoridades e aos modelos antigos. Até os professores eram, em sua maioria, os mesmos que lecionavam nos colégios jesuítas. (Ribeiro, 1993, p. 16).

É possível observar que as concepções de educação adotadas nesse período eram fortemente vinculadas apenas ao trabalho de memorizar, sem qualquer aspecto direcionado para as aprendizagens significativas, tal qual se defende atualmente.

A criação de algumas políticas foram desempenhadas em anos posteriores (1808 a 1821 e 1882-1889), bem como a criação das primeiras escolas normais, a ampliação razoável da oferta de ensino, funcionamento de escolas técnicas e integrais e até mesmo a criação de bibliotecas (Silva, 2017).

Há diversos períodos na história em que a educação sistematizada era pensada apenas para aqueles pertencentes à elite dominante, e os mesmos incentivavam o fortalecimento de escolas particulares, o que resultava em um governo sem interesse de ampliar as redes oficiais de ensino para a população em geral (Ribeiro, 1993).

Ribeiro (1993) também destaca sobre os movimentos sociais que ocorreram e possibilitaram mudanças na educação. Tem-se o movimento pedagógico Escola Nova, que no Brasil, buscou defender o ensino escolar laico, universal, gratuito e obrigatório. Percebe-se uma proposta em ir no sentido contrário do ensino tradicional vigente, apontando críticas e a necessidade de mudanças no sistema educacional.

O autor aponta como este movimento escolanovista evidenciou as ações de grandes nomes como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, que se apoiavam na filosofia educacional

de John Dewey e buscaram trazer para a realidade brasileira as ideias e técnicas pedagógicas desse movimento.

Contudo, se faz necessário refletir sobre os aspectos que emergiram a partir do movimento da Escola Nova, que, de acordo com Saviani, o modelo de escola proposto não conseguiu alterar os problemas educacionais vigentes e provocou “afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos” a medida em que aperfeiçoou a qualidade do ensino destinado à elite (Saviani, 2008).

Prosseguindo com a reflexão, a educação no Brasil bem como os sentidos atribuídos à escola sofreu diversas variações da sua concepção. De acordo com Silva (2017) os anos de 1940 e 1950 possibilitaram uma reorganização da forma como o ensino se estruturava, com algumas reformas que trouxeram alguns avanços, como a organização do ensino secundário, supletivo e superior.

O que se observa é que, com diferentes movimentos históricos bem marcantes, há uma busca pela transformação da realidade da educação no Brasil enquanto em outros momentos, há a concepção de escola com propósito de instrução voltada para a eficiência e a técnica (Souza, 2017).

As teorias educacionais que surgem ao decorrer desses momentos da história procuraram modificar as estruturas em que o ensino se pautava, dando ênfase ao aspecto pedagógico e validando o direito à educação e ressignificando o papel da escola nessa perspectiva.

Compreender esses aspectos históricos que constituíram a história da educação no Brasil e como era vista o espaço “Escola” permite entender como se constituiu esse espaço de ensino que conhecemos hoje, no qual se percebe que está sempre se reinventando e analisando suas práticas a fim de não se manterem em padrões meramente técnicos e autoritário.

Retomando a ideia da escola como um espaço voltado para a aprendizagem do saber sistematizado, é necessário que as instituições escolares, juntamente com seus respectivos profissionais da educação, viabilizem maneiras de o estudante aproveitar-se desse conhecimento, organizando seus currículos e planejamento individual e coletivo de tal modo que exista o tempo e espaço necessário para um ensino significativo que valorize o conhecimento.

Ao pensar em conhecimento a ser ensinado, neste espaço educativo que conhecemos como escola, é válido ressaltar que está englobado o saber das mais variadas culturas que permeiam pelo estado brasileiro, a fim de respeitar também as individualidades dos estudantes e que, não deve ser reduzido a meras comemorações espontâneas ou festividades desconexas

de sua historicidade, de acordo com o que se foi observado durante a experiência no espaço escolar.

É nessa direção que reafirmamos o papel e a função social da escola: garantir que os conhecimentos curriculares que foram acumulados pela humanidade sejam desenvolvidos no seio da classe trabalhadora como afirma Saviani (2011).

As datas ou semanas de atividades que buscam abordar temáticas sociais e educacionais devem compreender para além do dia específico destinado àquele assunto. Esses objetos de estudos devem ser contemplados ao longo do ano letivo e serem modelados pela pedagoga de tal modo que contemple esses saberes.

4 ENTENDENDO O QUE É CURRÍCULO

O conceito de currículo, pensando na perspectiva educacional, fez parte de um processo histórico para a concretização da forma que usamos atualmente. É fato que, ao pensar em currículo, a ideia que vem à tona é a de seleção, ou seja, ao montar o currículo lattés⁶, por exemplo, você seleciona aquilo de mais relevante da sua carreira profissional, suas habilidades e demais informações pertinentes. Essa ideia não está tão distante da noção de currículo que será tratado.

De forma geral e sucinta, apesar de existir diversos sentidos, a compreensão de currículo parte da organização, da unificação do ensinar e aprender, o que consequentemente implica na seleção de conteúdos, como apresenta Sacristán:

Em sua origem, o currículo significava o território demarcado e regado do conhecimento correspondente aos conteúdos que professores e centros de educação deveriam cobrir; ou seja, o *plano de estudos* proposto e imposto pela escola aos professores (para que o ensinassem) e aos estudantes (para que o aprendessem). De tudo aquilo que sabemos e que, em tese, pode ser ensinado ou aprendido, o **currículo a ensinar** é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade (Sacristán, 1991, p. 17).

Outra forma que o autor traz para refletir sobre o currículo como prática educativa, é enxergá-lo como espaço que expressa as culturalidades:

As funções que o currículo cumpre como expressão do projeto de cultura e socialização são realizadas através de seus conteúdos, de seu formato e das práticas que criam em torno de si. Tudo isso se produz ao mesmo tempo: conteúdos (culturais ou intelectuais e formativos), códigos pedagógicos e ações práticas através dos quais se expressam e modelam conteúdos e formas (Sacristán, 1991, p. 16).

O curricularista Tomaz Tadeu da Silva, apresenta em seu capítulo inicial do livro “Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias de currículo” a forma provável pelo qual o currículo se configurou como objeto de estudo e pesquisa pela primeira vez, sendo nos Estados Unidos nos anos 20 (Silva, 2011). De acordo com o autor, nesse momento inicial, o currículo é dado como um campo que deve conter objetivos, procedimentos e resultados passíveis de mensuração devido ao momento histórico de industrialização e movimentos

⁶ Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>

imigratórios da época, enxergando a escola como um espaço voltado para a economia, pensado apenas na eficiência.

Nas discussões atuais, conforme expressa Silva (2017) o que se propõe é não submeter o currículo a um mero campo de aplicação de métodos e busca por resultados eficientes descolados da prática social, uma vez que na escola existem sujeitos históricos e de vivências únicas:

Portanto, o currículo não pode ser campo de aplicação de métodos e produtos descolados da prática social, visto que, a própria escola e os sujeitos que nela convivem são personagens historicamente situados que só têm sentido de existir, se for para fazer com que a relação pedagógica entre estudantes e o conteúdo resultem na aquisição de conhecimentos significativos que formem sujeitos letrados socialmente e emancipados em suas tomadas de decisões, ao menos as que envolvam o manuseio das grandes contribuições teóricas e práticas da humanidade - legitimadas por teóricos, acadêmicos e professores - que devem ser o núcleo da própria instituição de ensino (Silva, 2017, p. 51).

O currículo de uma escola reflete as intenções, os ideais da sua instituição educativa, compromissos e pontos de vista teóricos logo, são diferentes entre cada escola, visto que cada uma carrega consigo concepções diferentes e realidades muita das vezes distintas entre si.

Ao afirmar que o currículo de qualquer instituição de ensino revela os seus princípios e objetivos de formação do sujeito, está sendo declarado a escolha política e visões de ensino dessa instituição, ou seja, em certo momento, ao produzir seu projeto político pedagógico, a escola usufrui do poder de selecionar quais conhecimentos são relevantes para serem traduzidos em conteúdos disciplinares.

Apoiado nesse entendimento do poder de escolha, o currículo é entendido como um projeto da sociedade e torna-se um território disputado (Paraíso, 2023) visto que não há consenso quando inicia a discussão para selecionar os saberes que irão compor o aprendizado dos sujeitos que a escola pretende formar, a seleção de conteúdos, ideias e elementos da cultura torna-se uma luta, uma disputa.

É a partir dessa mesma lógica que Silva (2012) aponta “como as narrativas contidas no currículo corporificam noções particulares sobre o conhecimento, sobre as formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais”, e com isso se estabelece o que pode ser considerado conhecimento legítimo e ilegítimo, dando espaço para outros saberes serem excluídos. O currículo pode se tornar um território contestado (Silva, 2012) a medida em que questiona as representações que vão selecionadas para compô-lo, ou seja, as narrativas, categorias, concepções e principalmente, as diferentes culturas.

4.1 O Currículo como arquitetura documental e política: do nacional ao local

Embora cada escola tenha sua própria identidade descrita no currículo, há semelhanças enquanto à aspectos como: o perfil de estudante que deseja formar, o reconhecimento dos pressupostos teóricos da pedagogia histórico-crítica de Saviani e psicologia histórico-cultural de Vygotsky, os princípios norteadores da prática educativa, valores e missões, entre outros tópicos comuns a serem encontrado em leituras dos Projetos Político-Pedagógico das escolas.

No Distrito Federal, temos como um dos documentos norteadores da educação o Currículo em Movimento, que apresenta como princípios pedagógicos a Educação Integral, Avaliação Formativa, os Eixos Integradores e Eixos Transversais, o Currículo Integrado além dos princípios da Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural (Distrito Federal, 2018).

Apesar de apresentar suas contradições, observadas por especialistas (Bandeira, Dantas, 2021) o currículo se mantém em constante avaliação e ressignificação a fim de propor um documento norteador ligado à realidade local.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC é outro documento de caráter normativo, que se efetiva em todo o território nacional e tem por objetivo nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino, bem como quaisquer propostas pedagógicas elaboradas seja por escola pública ou escola privada (BRASIL, 2018). Este documento também é alvo de críticas por especialistas devido ao seu caráter obrigatório e o ideal de um currículo generalista para todos os indivíduos, conforme aponta Silva (2020):

São constatações importantes para um país, como o nosso, que ainda não universalizou a educação básica. Contudo, há três grandes riscos que podem vir da implementação equivocada ou ideologizada da BNCC: a expropriação da autonomia docente; a regulação e o controle dos órgãos deliberativos e avaliativos referentes à educação básica; e, a subsunção da vida cultural diversa e regional em nosso País (Silva, 2020, p. 159).

É nesse sentido que se torna necessário discutir e refletir a respeito das propostas de currículo que emergem para definir tanto a educação brasileira como uma escola em particular, entender os conceitos atribuídos ao currículo, as fases que o compõem, as teorias Tradicionais, Críticas e Pós Críticas, entre outros aspectos relevantes, a fim de compreender a importância de um currículo bem estruturado voltado para valorizar a subjetividade do estudante bem como seu aprendizado.

4.2 Currículo e suas fases

Em sua constituição como elemento e objeto de estudo, o currículo é um campo que direciona os olhares dos profissionais da educação para pensar como organizar o processo educativo. É imprescindível compreender que o currículo não é, e nunca foi, um elemento neutro, isto é, sem posições ideológicas ou políticas, visto que ele está imerso pelos interesses sociais e particulares, refletem as relações de poder (Silva, 2013).

Dentro do campo dos estudos curriculares, Sacristán (2000) aponta que há fases/níveis que compõem o sistema curricular e intervêm na prática pedagógica. O modelo proposto pelo curricularista, que consiste em 6 níveis ou fases, busca estabelecer inter-relações entre cada e suas influências sobre as outras esferas:

Distinguire-mos seis momentos, níveis ou fases no processo de desenvolvimento, que descobrem campos de pesquisa peculiares, que nos ajudam a compreender conexões entre tais níveis e que tornam manifesto como, previamente e em paralelo ao que denominados prática pedagógica, existem essas outras práticas (Sacristán, 2000, p. 104).

O autor propõe um esquema simplificado para estruturar as 6 fases de modo mais didático: Currículo Prescrito, Currículo Apresentado aos professores, Currículo Modelado pelos professores, Currículo em Ação/Real, Currículo Realizado e Currículo Avaliado (Sacristán, 2000).

A primeira esfera do sistema curricular refere-se ao “Currículo Prescrito” no qual atua como ponto de partida e referência para o ensino, corresponde a existência de orientações do conteúdo a ser ensinado, elaboração de materiais, sistemas, no próprio referencial de documentos teóricos e demais elementos que fazem parte da educação. O princípio do currículo prescrito está em atribuir teorias/concepções que irão influenciar diretamente o sistema de ensino (Silva, 2022) e transformá-las por meio de documentos oficiais, como temos no Brasil, o documento nacional BNCC.

No “Currículo Apresentado aos professores” encontra-se a interpretação das concepções adotadas no currículo prescrito, no qual é elaborada em formato de material e disponibilizado aos professores, como por exemplo, os livros didáticos, produzidos pelas diferentes editoras e consequentemente, com conteúdos e ideias selecionados a partir do currículo prescrito. Sacristán (2000) afirma que a interpretação realizada não abrange todo o necessário para o ensino e não são suficientes para o professor garantir uma prática educativa de qualidade.

O “Currículo Modelado pelos professores” compõe a fase do sistema curricular correspondente à atuação do docente frente ao currículo, tornando-se o tradutor que irá atribuir significados nas propostas curriculares. Por meio da sua experiência profissional e saber acadêmico, o professor estrutura suas aulas por materiais elaborados no qual se reverterá em ações e atitudes da sua prática profissional (Silva, 2022), como o próprio planejamento que norteia as atividades pedagógicas selecionadas pelo professor.

O “Currículo em Ação/ Real” reflete a prática real, que se concretiza por meio das atividades escolares, sempre orientada por fundamentos teóricos conhecidos pelo docente e seus esquemas e métodos de ensino. De acordo com Sacristán (2000), a análise desta fase possibilita perceber o sentido real à qualidade de ensino, visto que o momento da prática ultrapassa os propósitos do currículo.

Já o “Currículo Realizado” materializa-se por meio das análises dos resultados obtidos advindos da prática de ensino (Silva, 2022), são consequências da mesma. Apresenta caráter evolutivo da aprendizagem dos estudantes e seus efeitos no meio cognitivo, afetivo, social e moral, podendo ser vista por meio do desempenho e do rendimento dos alunos em relação às atividades, avaliativas ou não.

Por fim, o “Currículo Avaliado”, como a própria nomeação dá a entender, representa a fase do sistema que compreende a parte avaliativa do currículo, no qual deve perpassar todos os outros níveis em diferentes instantes e não ser reduzida a uma avaliação final de todo o processo de ensino que foi materializado até aqui.

Destaca-se que há também o uso do conceito de currículo para abordar as práticas realizadas e efeitos alcançados pela escola que não estão expressos nos planos de ensino, e muita das vezes não são perceptíveis pela comunidade escolar, denominando-se assim de *currículo oculto* (Moreira, Candau, 2007). Trata-se das relações, regras, atitudes, as maneiras de organizar o espaço educativo, falas e intenções da equipe escolar entre outras práticas veladas no interior da instituição escolar. Os autores ainda trazem como exemplos o modo de organizar as carteiras da sala de aula e as visões de mundo que aparecem no livro didático.

Saviani (2000) complementa como cada uma dessas fases descritas compõem especificações que possibilitam investigações, problemas de pesquisa, considerando que a educação reflete os processos sociais e culturais.

Nessa perspectiva, o *currículo modelado aos professores* é a fase que representa a investigação desta pesquisa, no qual busca entender de que maneira as professoras interpretam o currículo prescrito, destacando a visão do docente sobre a sua própria prática de ensino e

adaptações. É entendido como fundamental o papel do educador nas discussões e na própria construção do currículo, seja ele de nível nacional ou local.

4.3 Fundamentos do Currículo Festivo

A pesquisa realizada por Silva (2017) no qual buscou identificar por meio da escuta em entrevistas com profissionais da educação, a forma em que a Educação das Relações Étnico-Raciais Negras se estruturava na ação pedagógica das docentes da secretaria de educação do Distrito Federal. Seu objeto de pesquisa estava comprometido em identificar como essa forma de educação se materializava no currículo praticado pelas professoras e lançar reflexões sobre o debate do ensino antirracista nas redes de ensino.

Com base nesse estudo, o autor percebeu as limitações que as docentes tinham em relação ao trabalho com a temática étnico-racial e a forma em que essa educação se apresentava nas escolas, ou seja, se reduzia sempre à folclorização do assunto de maneira supérflua (Silva, 2017). É a partir dessa observação que o autor apresenta o conceito de Currículo Festivo e busca problematizar essa prática pedagógica que se relevou entre as docentes.

A definição de currículo festivo expresso por Silva está relacionada diretamente ao ensino das relações étnico-raciais devido ao seu foco na pesquisa em questão. Contudo, entendemos que esta manifestação curricular permite compreender as outras esferas de festividade dentro do ambiente escolar que também possuem caráter de comemorações desligadas de ações significativas.

Diante do exposto, compreende-se o currículo festivo como as ações escolares influenciadas por datas comemorativas que se materializam em festividades isoladas de contextos sociais e significados, reduzindo as temáticas à meras comemorações.

a) Currículo festivo: caracteriza-se por ser modelado com base em ações isoladas ou mesmo contínuas, mas desconexas de qualquer diretriz, projeto ou PPP e sem crítica política ou social a respeito das temáticas. Geralmente, seus desdobramentos são oficinas, eventos, palestras, conversas sobre respeito e amor (Silva, 2017, p. 24).

As abordagens superficiais juntamente com a falta de ligação didática com o trabalho do docente são elementos representativos do currículo festivo (Silva, 2022), no qual muitas das vezes reforçam estereótipos e informações ultrapassadas. Temáticas com dias específicos no calendário escolar como Dia dos Povos Indígenas, Dia da Consciência Negra, Dia do Meio Ambiente, Dia da Mulher, Dia do Folclore, entre outras datas, são colocadas nos planejamentos

de tal forma que se resumem à confecção de lembrancinhas, apresentação de dança ensaiada ou uma grande celebração e ao finalizar esse dia, o assunto é esquecido novamente e só volta a ser debatido no ano seguinte.

Silva (2022) evidencia que, apesar de existir semelhanças entre o “currículo festivo” e o “currículo turista” apresentado por Santomé, ambos se diferenciam em certos quesitos:

O currículo festivo diferencia-se do “currículo turista” em alguns aspectos. Este último apresenta dias escolhidos, datas comemorativas e pontuais para minimizar e/ou mesmo folclorizar as temáticas sem a devida propriedade. Entretanto, no primeiro, seus agentes modeladores compreendem e interpretam que os conteúdos curriculares devem ser abordados com estas características de festividades, confraternizações (Silva, 2022, p. 104).

O autor ainda destaca a possibilidade desses eventos serem ampliados e transformados em projetos, por exemplo, no qual ainda sim são apolíticos, acríticos (Silva, 2022) e o estudante não assimila os conhecimentos diante o que está planejado.

É nesse sentido que urge a necessidade de refletir a respeito da abordagem de temáticas sociais abordadas de forma comemorativa, além dos outros conteúdos de estudos relevantes para o conhecimento que também são culminados em grandes festas e em sua grande maioria, não há participação efetiva do estudante na elaboração.

5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS DATAS COMEMORATIVAS

É comum às escolas organizarem seus currículos ancorados nas datas comemorativas mais populares e assim, propor atividades e comemorações baseado nesses dias em específico, trabalhando de modo semanal ou apenas espontâneo, conforme apresentado por Ostetto (2000) como planejamento baseado em datas comemorativas e integrado no próprio calendário anual da Secretária de Educação do Distrito Federal⁷.

Inicia-se o calendário escolar no mês de fevereiro, época de carnaval, depois o dia do circo e o dia da água, seguido de festividades como a Páscoa juntamente com o dia de Tiradentes, dia do livro e quando conveniente, dia dos Povos Indígenas. Seguimos para maio e temos o Dia das Mães, junho com o Dia Mundial do Meio Ambiente e a festa junina, que às vezes estende-se até agosto, no qual este último mês constitui também o dia dos pais e o dia do folclore.

Já chegou o mês de setembro e agora comemora-se a independência do Brasil e o dia da árvore, outubro com o dia nacional do livro e da biblioteca, novembro para escolher um único dia e trabalhar a consciência negra em dezembro com as festividades natalinas. E com isso tudo, o ano já acabou e fica algumas perguntas: onde está o tempo para aprender? O professor conseguiu trabalhar aquilo que estava em seu planejamento? As crianças de fato adquiriram conhecimentos relevantes? São questionamentos como esses que dão base para esta pesquisa

As comemorações citadas acima são facilmente observadas em qualquer instituição de ensino, enquanto algumas optam por outras festividades, outras preferem realizar sequências didáticas semanalmente, transformá-las em projetos da escola, mas a programação costuma ser sempre a mesma.

Saviani (2011) já denunciava tal prática repetitiva ao expor o conceito de hipertrofia da escola, no qual se resume em atribuir à escola tudo o que é considerado educativo, sobrecarregando o currículo com qualquer atividade que julgam ser obrigação da escola propor e ensinar. É nessa perspectiva que se enquadram as datas comemorativas, que são utilizadas com o propósito de “ensinar” algo porque foi observado que há um dia específico para esse algo ser comemorado:

É preciso, pois, ficar claro que as atividades distintivas das semanas anteriormente enumeradas são secundárias e não essenciais à escola. Enquanto tais, são extracurriculares e só têm sentido se puderem enriquecer as atividades

⁷ Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/calendario-escolar/>

curriculares próprias da escola, não devendo em hipótese alguma prejudicá-las ou substituí-las (Saviani, 2011).

É nessa interpretação das festividades que surge o debate acerca do que pode ser essencial ensinar nas escolas, se esta prática de comemoração e confecção de lembrancinhas, por exemplo, integra de fato a função social da escola, de transmitir o saber sistematizado.

Outra indagação que é levantada ao pensar nessas comemorações é se de fato o propósito que é almejado ao atribuir estas datas ao currículo escolar, contempla as manifestações culturais relativas à cultura popular, aos saberes e valores das diferentes comunidades de maneira não estereotipada.

Pensando nessa perspectiva, as escolas conseguem trazer estes e outros conhecimentos de modo que as crianças consigam assimilá-los? A ideia de trabalhar “O dia do Indígena” ou a “Semana da Consciência Negra” em apenas um período curto com trabalhos genéricos está contribuindo para o aprendizado e reflexão? Essas e outros questionamentos surgem ao entrar no debate sobre a atribuição de datas que foram incorporadas nos calendários escolares e são amplamente utilizadas nas escolas, limitando abordar essas temáticas sempre numa visão folclórica.

É válido assegurar que a questão das datas e comemorações, no geral, não são o problema total, mas sim o fato de assumi-las como conteúdo central do ensino e organizar todo o planejamento e rotina escolar com base nelas. Aquino (2023) reforça esse entendimento ao salientar que não deve haver restrições em utilizar as datas como tema gerador se ele trabalha o conteúdo basilar, mediado pela cultura, e não submete o conhecimento científico como temática secundária que dificulta o acesso ao saber sistematizado.

A partir dessas considerações, entendemos que as datas comemorativas não devem ser utilizadas como foco central do trabalho docente, muito menos direcionar todo o planejamento focado nestas datas apoiando-se de atividades estereotipadas. Elas devem ser pensadas e utilizadas de tal modo que não sobrecarregue o currículo com festividades e trabalhos estereotipados, além de que é preciso levar em consideração as culturalidades regionais dos estudantes e o trabalho prático do professor.

5.1 O que dizem as pesquisas?

A partir das considerações apresentadas, o trabalho sistemático de revisar a literatura da área possibilitou encontrar teses e dissertações que procuraram refletir sobre a prática de integrar comemorações como trabalho pedagógico e inseri-lo no currículo.

Ao analisar os trabalhos produzidos, percebeu-se que as teses e dissertações não tratavam em especial o currículo festivo, mas abordaram a problemática das datas comemorativas a partir do seu objeto específico de pesquisa como a Educação Ambiental (Ferreira, 2020), o Ensino de Música (Nunes, 2020), as Expressões Artísticas (Santos, 2022) e o Gênero Feminino (Lima, 2023), conforme observado nos resumos das respectivas pesquisas.

A indagação expressa pelos autores das diferentes produções concordam entre si ao expor a forma pelo qual práticas de ensino, conteúdos ou temas culturais relevantes para a educação são reduzidos a meros festejos para compor o calendário escolar, esvaziadas de significados.

Em se tratando das datas comemorativas que são festejadas nas instituições escolares, é oportuno destacar que, quando ocorrem, as ações didático - pedagógicas são postas praticamente em segundo plano, dando lugar a ações irrelevantes – do ponto de vista da formação crítica dos(as) alunos(as) – e destituídas de significado, como a elaboração de cartazes e “lembrancinhas” (Maio, Silva, Oliveira, 2024, p. 6.).

Identificou-se também que em grande maioria, a problemática das festividades é amplamente abordada no campo da Educação Infantil como em Saitu (2017), Silva (2023), Aquino (2023), mas que de certo modo fortalece para a discussão voltada para os anos iniciais também. Em vista disso, Aquino apresenta em sua dissertação as implicações em estabelecer as datas comemorativas como conteúdos:

Ao eleger as datas comemorativas enquanto conteúdo, não fica claro nos planos de ação o que se pretende ensinar para as crianças. Mesmo com a descrição dos objetivos, não há uma clareza do que se está ensinando e quais as finalidades ou quais conceitos estão sendo superados e quais avanços propostos no âmbito da sistematização a fim de não incorrer no risco da transmissão de conteúdos esvaziados de significação (Aquino, 2023, p. 73).

Ainda nesse sentido de transmissão dos conteúdos sem o devido sentido pedagógico, Silva (2023) se propõe a investigar a maneira pelo qual o currículo oculto se constitui no trabalho com as datas comemorativas, dentro da educação infantil. A autora também aponta como é perceptível a reprodução de valores e das ideologias dominantes dentro das propostas

pedagógicas, repletas de estereótipos e preconceitos, além da exclusão e marginalização dos grupos minoritários (Silva, p. 20, 2023).

Outro entendimento que é levantado diz a respeito da visão que é colocada da criança, do educando no geral, como um receptor de conteúdos que são transmitidos pelo educador, além do fato de que os conhecimentos são fragmentados, sendo trabalhados um em uma semana, outro na próxima semana, sem contexto ou ligação entre eles (Aquino, 2023).

Percebe-se como os autores que buscam realizar suas pesquisas compreendendo os significados das datas comemorativas no planejamento das instituições escolares demonstram a mesma preocupação com a forma que são abordadas, e ocupam-se da discussão do currículo, cultura, escolas, ideologias e tradições.

Alinhada as diversas críticas apontadas pelas autoras citadas, é necessário frisar que trabalhar com as datas comemorativas não são um problema em si, mas é preciso ir além de um planejamento reduzido em comemorações que, mesmo implicitamente, pode reforçar ainda mais estereótipos, exclusão de grupos minoritários ou relativizar temáticas importantes ao colocá-las como simples festividades.

5.2 Projeto Político Pedagógico da instituição

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um instrumento que visa nortear o trabalho pedagógico de qualquer instituição escolar, apresentando seus princípios educativos, valores, intenções, projetos, entre outros.

A partir disso, faremos uma breve leitura e interpretação do PPP da escola participante com o propósito de entender a realidade daquela comunidade escolar e seus propósitos educativos, juntamente com a análise a respeito de como são postas as datas comemorativas.

A escola afirma seu compromisso com o protagonismo infantil à medida que pensa nas propostas e metodologias que valorizem a participação ativa e crítica, e proporciona um ambiente motivador que favorece o desenvolvimento integral, criatividade e autonomia.

Localizado no Plano Piloto, na Asa Sul, a escola pública foi inaugurada 13 de março de 1967 e atendia do primário a 6º sexta (classificação utilizada na época). Atualmente, a escola é inclusiva, organizada em ciclos de aprendizagem e atende o do 1º ao 5º ano, dividido em: Bloco I do (BIA) e o Bloco II.

A instituição tem como eixo norteador a alfabetização, o letramento e a ludicidade, pautado nos princípios do Currículo em Movimento da Educação Básica do DF e a Base nacional Comum Curricular.

De acordo com o PPP, a escola dispõe de 16 professoras, 1 pedagoga e 1 psicóloga no Serviço Especializado de Apoio às Aprendizagens (SEAA), 2 coordenadoras pedagógicas, 1 orientadora educação, 1 professora na Sala de Recursos, 1 diretora, 1 vice-diretora, 1 supervisora administrativa, 1 supervisora pedagógica, 1 chefe de secretária, 1 professora em apoio a coordenação, 2 monitores, 9 educadores sociais voluntários, 1 agente de portaria, 6 servidores da limpeza e conservação, 2 merendeiras, e 7 vigilantes totalizando 55 funcionários atuando na escola e um total de 286 estudantes.

Em relação aos espaços, apesar de ser uma escola pequena, ela contém 1 secretária, 1 sala de direção, 1 depósito de material, 2 banheiros para professoras, 1 sala de orientação educacional, 1 sala de recursos e SEAA, 1 sala de informática (com condições de uso não satisfatórias), 8 salas de aulas, 3 banheiros para alunos, 1 sala de servidores, 1 banheiro para servidores, 1 depósito de material e limpeza, 1 cantina, 1 depósito de alimentos, 1 sala adaptada para leitura, 1 secretária e sala de supervisão, 1 sala de coordenação e supervisão pedagógica, 1 sala de professores, 1 pátio e área externa.

Foi realizado um levantamento de dados para saber onde a maioria dos estudantes residem a fim de compreender possíveis dificuldades da participação da família. Com isso, 30% residem na Asa Sul, sendo a grande maioria, uma parcela maior reside entre Guará, São Sebastião e Paranoá e 4,2% dos estudantes residem no entorno do Distrito Federal. Esse gráfico criado apresenta dados relevantes para compreender a presença dos responsáveis nas atividades escolares, que podem ser dificultadas pela distância, por exemplo (PPP, p. 19).

Outros dados levantados pela escola aponta as diferenças realidades entre os estudantes e suas famílias com diferentes classes sociais e econômicas. Os gráficos criados para compreender a renda familiar aponta que 35,7% recebem acima de 4 salários-mínimos enquanto 23,1% recebem até 1 salário-mínimo, evidenciando a distribuição desigual de rendas entre as famílias, no qual a escola afirma perceber entre as relações dos estudantes (PPP, p. 25).

O gráfico levantado sobre a escolaridade dos pais ou responsáveis demonstra que grande maioria possui ensino superior (24,5%) e especialização (20,3%) e o ensino médio completo (23,1%), além de uma boa parte ainda estar concluindo o ensino superior (16,1%), sendo possível afirmar que grande parte dos responsáveis pelos estudantes tem/teve oportunidades de acessar o ensino superior e continuar estudando ou se especializando.

É diante os resultados obtidos a partir dos questionários sociodemográficos elaborados pela gestão escolar que a escola propõe seus projetos e ações educativas, tais como: “Conhecendo meu Povo e meu País” com foco na identidade e pertencimento, “Mala Voadora”, voltado para a literacia familiar e práticas de leitura, escrita e linguagem oral e “A Começar em

mim” que visa o respeito, empatia e cultura de paz aliado a representatividades das etnias e raças e educação inclusiva, totalizando 4 programas e 14 projetos.

Essas informações levantadas permitem compreender parcialmente as especificidades da escola em que as docentes trabalham, o contexto de ensino do local e o perfil dos estudantes.

A questão da festividade na instituição é encontrada na forma da atividade interdisciplinar Festa das Regiões, no qual outros projetos e trabalhos feitos pelos alunos são apresentados nesse momento e visa integrar a família e toda a comunidade escolar

No que diz a respeito sobre as datas comemorativas, a escola aponta que suas ações e estratégias foram pensadas de tal modo que não se restrinja apenas as datas comemorativas e ao currículo, afirmando o compromisso com uma educação fundamentada nos aspectos de história e cultura de cada indivíduo (PPP, p. 18), sendo esta a única informação encontrada referente a temática de investigação.

Referente as teorias de currículo adotada pela instituição, ela se ancora nos pressupostos apresentados no currículo em Movimento da Educação Básica do DF, que assume a teoria crítica, e apresenta elementos constituintes dessa teoria que devem ser considerados na organização curricular como: ideologia, poder, classe social, capitalismo, emancipação, libertação, currículo oculto, reprodução cultural e social (PPP, p. 67).

Apesar de apresentar bem os conceitos que envolvem a teoria crítica, o PPP apenas assume aquilo que já é definido pelo Currículo em Movimento, além de, no subtítulo referente a essa parte de conceituação de teorias, está colocado Teoria Crítica e Pós-Críticas, sendo que a segunda não é apresentada na seção.

Por fim, a instituição enxerga como sua função social garantir as aprendizagens para todos os estudantes, a fim de formá-los com olhares críticos e comprometidos com o conhecimento humano, científico e tecnológico e para tal, entendem a necessidade de assegurar a permanência e estruturar as aprendizagens de modo significativo e contextualizado.

5.3 Análise da entrevista: o que pensam as docentes?

Esta pesquisa foi organizada em seções de tal modo que dialoguem entre os tópicos e viabilize a compreensão de currículo e datas comemorativas e suas relações intrínsecas. A partir disso, a entrevista com as duas docentes da escola pública do Plano Piloto possibilitou compreender os significados que elas dão as datas escolhidas para serem comemoradas pela instituição e que não foram encontradas na descrição do Projeto Político Pedagógico.

Apresentaremos as perguntas selecionadas para a entrevista juntamente com uma breve análise das respostas das docentes, suas interpretações e possíveis reflexões. Reiteramos nosso compromisso ético com o anonimato das docentes, identificando-as como D1 (docente 1) e D2 (docente 2) para preservar suas identidades, conforme acordado com as participantes.

- 1- Quais são suas considerações sobre as datas comemorativas incorporadas no calendário escolar?

D1	D2
<i>Você pode trabalhar o currículo mesclado com essas questões, mas é difícil, sabe? Exige muito mais preparação, pesquisa, produção de material e ficou demais. Costumo brincar que tem semana para tudo, menos a semana para a gente alfabetizar.</i>	<i>São fundamentais para trabalhar a questão assim, da identidade mesmo do povo brasileiro. [...] tem um projeto na escola que é voltado para o trabalho das regiões e tem a comemoração dessa data, entre outras que a gente leva em consideração...</i>

É possível perceber entre as duas respostas que há divergência nas considerações, o que é esperado ao passo em que consideramos que essa visão crítica em relação as datas comemorativas existem a partir do momento em que conseguimos enxergar como essa prática se desloca da aprendizagem significativa.

A professora D1 apresenta em seu posicionamento a problemática já abordada por Saviani (2011) e denominada por “hipertrofia da escola”, no qual aponta exatamente uma crítica a realidade em que a escola está deixando seu objetivo primordial de ensinar para ocupar-se de atividades extracurriculares, sendo muitas delas desfocadas da realidade local dos estudantes, o que nos permite deduzir o quanto a escola tem desviado da sua função social, a de viabilizar os processos de humanização, que não são natos, conforme aponta o próprio autor de referência.

Entretanto, a professora D2 demonstra interesse em trabalhar as datas comemorativas e em seu posicionamento, apresenta que elas já estão incorporadas no Currículo em Movimento e na própria Base Nacional Comum Curricular, levando a compreensão de que devem ser trabalhadas pois são apresentadas nos currículos prescritos.

Então, as Datas comemorativas, elas são incorporadas. É tudo que a gente faz na escola em relação a essas Datas. É o que já é proposto no calendário da Secretaria, o que é proposto no currículo, em movimento da própria Secretaria. E também na BNCC (Professora – D1).

A docente sinaliza em sua fala a existência das datas comemorativas em currículos prescritos. Entretanto, a BNCC não aponta no documento, alguma normativa que exija ou ao menos indique o trabalho pedagógico com base nas datas comemorativas. Já o Currículo em

Movimento, apresenta apenas como objetivo do 1º ano, reconhecer o significado das comemorações afim de diferenciá-las das comemorações realizadas em família, mas também não pressupõe o trabalho pedagógico ancorado com as datas comemorativas.

- 2- Como você organiza seu planejamento de aula para dar espaço às atividades escolares voltadas para as festividades?

D1	D2
<i>Eu tento aliar o que no meu currículo eu posso trabalhar junto com essas festividades e o que a escola escolhe trabalhar. Por exemplo, eu não trabalho propriamente no Dia do Folclore [...] escolhi trabalhar isso na hora da entrada, toda quinta-feira eu trabalho coisas do folclore.</i>	<i>Procurro ver sugestões de atividades, e enquanto na coordenação, busco fazer propostas aos professores. [...] Tem também um momento de exposição, nos murais, que são utilizados justamente para mostrar os trabalhos que são feitos nas salas de aulas.</i>

Nota-se que a escola seleciona, em momentos de coordenação, as datas comemorativas e demais festividades a serem abordadas para em seguida os professores terem a autonomia de realizar sua prática pedagógica, por meio de sugestões entre os pares ou por interesses próprios.

Na visão da D1 ela procurar fazer alinhamentos entre o que o currículo pede e o que a escola apresentar para ser trabalhado e busca trazer isso de forma diluída entre os bimestres, ao invés de escolher um único dia em específico, o que coaduna com a ideia defendida por Silva (2022), de interligar temas emergentes do currículo com os conteúdos clássicos previstos nas normas nacionais e locais.

A professora D2, que também tem experiência de atuação na coordenação, relatou o fato de que é discutido nas coordenações coletivas, logo no início do ano, as datas escolhidas e a proposta direcionada às professoras.

Entretanto, essa prática reflete a priorização das datas comemorativas para guiar o trabalho pedagógico, evidenciando-as como elementares no currículo. Saviani (2011) destaca que essas comemorações não são essenciais à escola, mas sim, extracurriculares, e devem aparecer de tal modo que busque agregar ao trabalho basilar da prática docente e não substituí-lo ou prejudicá-lo.

A professora D2 destaca também o uso dos murais da escola como espaço destinado a expor as atividades feitas pelas crianças. Percebe-se aqui como a prática de utilizar as datas comemorativas dentro do trabalho de sala de aula é sempre encaminhada para entregar um produto final, como essa exposição nos murais da escola.

3- Você acredita que as crianças aprendem algo com o trabalho das datas comemorativas?

D1	D2
<i>Eu acho que essa questão da semana vira uma coisa que meio que forçam todo mundo trabalhar e acaba que todo mundo sai da escola sem saber nada. Eu acho que deveria se escolher determinadas datas para se trabalhar em determinados anos.</i>	<i>Com certeza, principalmente porque lá na escola as professoras procuram fazer esse, ter essa base teórica para saber o que está sendo comemorado, o porquê. Além da questão visual também, a gente procura externalizar esses trabalhos.</i>

Novamente podemos perceber a discrepância de concepções entre as duas docentes. A docente D2 aponta com convicção que as crianças aprendem sim com as datas comemorativas, mas não apresenta como isso é percebido fora dos “trabalhos” feitos, muito menos quais atividades são realizadas para ver se de fato as crianças aprenderam algo.

Outro ponto que a D2 apresenta com frequência em suas argumentações é a externalização dos trabalhos realizados. Essa palavra “externalizar”, no qual nos chamou muita atenção, é apontada pela docente como o produto final que deve aparecer após as produções relativas a cada data. Na entrevista, a professora demonstra que esse aspecto de externalizar faz parte do processo e está sempre presente dentro das atividades de comemorações, enxergando como algo positivo no trabalho pedagógico.

Em contrapartida, a D1 relata que se trata de semanas em que o trabalho é dobrado para todos e no fim, as crianças saem sem saber nada. Como exemplo para evidenciar esse fato, a professora traz a seguinte situação:

E aí teve uma semana da inclusão, que fizeram a semana da inclusão, a equipe fez a semana, não sei se você estava lá na época, e aí eu fiz uma avaliação com a minha turma por causa do portfólio, porque eu tenho portfólio na minha sala. Então, toda vez que tem alguma questão na escola, toda vez não, eu procuro fazer isso, mas assim, por causa das tantas e semanas as vezes não dá tempo, mas teve a semana da inclusão e eu peguei as fotos da semana da Inclusão e eu fiz uma avaliação: “Pra você, então, depois da semana da inclusão, o que você concluiu? O que é inclusão?” E aí eles tinham cantado uma musiquinha que é que as crianças que têm algum tipo de deficiência são super-heróis, entendeu? Tem uma musiquinha do Mundo Bitá, e aí eles colocaram “ah ser super-herói, inclusão e ser super-herói”. E eu falei não entenderam nada, entendeu? (Professora – D1).

Esse relato exemplifica a maneira pelo qual as atividades selecionadas para serem trabalhadas nessa semana da inclusão não contempla saberes significativos para as crianças assimilarem, além de estarem abordando a temática de modo superficial, levando os alunos a associarem que pessoas (mais em específico, as crianças) com alguma deficiência são super-heróis.

Conforme Silva (2022) já evidenciou, o trabalho realizado dessa maneira fragmentada e pouco contextualizada encaminha os estudantes a uma assimilação folclorizada e/ou estereotipadas das temáticas abordadas.

- 4- Há alguma data comemorativa que você acredita ter relevância para ser trabalhada em seu planejamento? Se sim, qual?

D1	D2
<i>Eu acho que não deveria ter uma data para se trabalhar algo. Por exemplo, o folclore deveria ser trabalhado porque faz parte da nossa cultura né? [...] Eu acho a data importante justamente para a gente lembrar, mas ficou uma coisa que engessou a escola.</i>	<i>Eu daria destaque para esta última, o dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra porque é uma temática que ela passa assim por vários componentes curriculares, então eu acredito que essa é uma bem relevante.</i>

Novamente percebemos uma diferença significativa de posicionamento entre ambas as docentes. A resposta da D1 direciona para o que defendemos neste trabalho, a ideia de não precisar necessariamente de uma data para se trabalhar algo em específico, além de destacar a importância das datas como algo para recordar e não guiar a atividade docente.

Em contrapartida, a D2 demonstra se interessar pelas datas e dá destaque especial para o Dia da Consciência Negra, afirmando que é devido as questões históricas e sociais do país e merece uma atenção maior em relação às demais.

Este posicionamento, que dá ênfase ao dia 20 de novembro para se comemorar o Dia da Consciência Negra, condiz com o apontamento de Silva (2017) sobre a forma como o debate sobre a cultura afro é minimizada a eventos pontuais e posta como mais uma data para somar no calendário escolar, exemplo típico do quanto devemos repensar a formação e as condições de trabalho docente, sobretudo na educação básica, acima de tudo, quando se tem a intenção de repensar práticas pedagógicas que buscam ir além da mera transmissão de conteúdos curriculares.

- 5- O que você entende por “currículo”?

D1	D2
<i>O currículo eu vejo como um instrumento para o professor, ele é um norte para gente. Acho que o currículo deveria ser acompanhado por todos, pela família, ele norteia quem vai fazer o livro didático, ele deve ser acompanhado pela gestão.</i>	<i>Eu não queria usar a palavra conteúdo, mas enfim, é algo que te dá um norte para a construção do planejamento, tanto que um dos princípios da secretária é que a gente trabalhe o currículo em movimento [...] considero ele como um norte assim, um documento muito importante para o trabalho do professor.</i>

Ambas as professoras concordam com a concepção do currículo como o norteador do trabalho educativo. Essa ideia manifesta um dos múltiplos entendimentos de currículo e para este caso, temos uma prática na qual as professoras irão modelar de acordo com suas visões de mundo, conforme apresenta Sacristán sobre o currículo como “uma prática que estabelece diálogos entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam, etc.” (2000).

Nota-se que as docentes não utilizaram de imediato a definição de currículo como uma lista de conteúdos a serem trabalhados com os alunos, demonstrando que o conhecimento sobre o currículo e seus significados contempla os fundamentos descritos por estudiosos como Sacristán (2000) e Silva (2012).

É relevante destacar que os estudos curriculares devem se fazer presente na formação docente, e podem determinar de que forma as práticas pedagógicas são direcionadas, sobretudo, quando o assunto são as datas comemorativas.

6- Você já ouviu falar do termo “currículo festivo”? Se sim, fale sobre

D1	D2
<i>O currículo festivo eu faço ideia que seja esse tanto de data, eu não tinha ouvido assim. Não tinha ouvido falar formalmente, mas a gente vive, fala e a gente crítica no interno, né?</i>	<i>Não, esse pra mim é novo. Na verdade, a escola esse ano trabalhou um outro projeto, de criação de um livro que durante esses momentos a gente tem as culminâncias. [...] Eu não sei se seria mais ou menos isso.</i>

A última pergunta buscou compreender justamente se o conceito de currículo festivo alcançou os estudos das professoras regentes das escolas públicas. É possível afirmar que esse termo ainda é desconhecido entre as professoras, o que é compreensível, considerando que a categoria é relativamente nova, embora seja amplamente praticadas, às vezes, involuntariamente por muitos, entretanto, a nomenclatura por si só permite uma compreensão básica do que se trata.

As respostas tratam sobre a quantidade de datas que sobrecarregam o currículo e sobre as culminâncias dos trabalhos feitos a partir de datas comemorativas, elementos elencados no campo de estudos sobre o currículo festivo que foram ditos de forma modesta.

As entrevistas semiestruturadas viabilizaram reconhecer concepções divergentes a respeito do trabalho com as datas comemorativas. Em uma perspectiva, percebemos que a atuação da professora ainda é influenciada pela prática de utilizar dias exclusivos para trabalhar

temas importantes, destacando o uso dos murais para a apresentação dos trabalhos realizados.

Silva (2022) ressalta que o currículo festivo compreende as ações da escola, sejam atividades de um dia, projetos contínuos, que em sua materialização, são postos de forma acrítica e desligada da realidade dos estudantes e muitas das vezes terminam com festividades, comemorações, confecções, entre outros elementos finalizadores da temática. Em uma das falas, é possível ver esses aspectos descritos de forma clara a medida em que a docente enxerga as datas como algo necessário para sua prática docente.

Por outro lado, é possível notar que há posicionamentos contrários ao uso frequente das datas para basear o trabalho pedagógico. Essa visão crítica em relação à temática demonstra reconhecimento acerca das complicações de utilizar temas importantes e reduzi-los a semanas de atividades, que se esgotam a medida em que um novo assunto emerge para ser “trabalhado” com as crianças.

Percebe-se como é possível ver que a opção de escolher as datas para trabalhar temáticas é guiado por agentes internos, como a coordenação coletiva que discute quais datas trabalhar ao longo do ano, bem como agentes externos, tal qual o currículo da Secretária do DF. Sacristán (2000) destaca tal fator ao apontar que os sujeitos envolvidos no processo de aprendizado acabam sendo guiados por influências externas:

Seja por bem ou por mal, o fato é que o ensino, a aprendizagem e seus respectivos agentes e destinatários – os professores e alunos – tornaram-se mais orientados por um controle externo, uma vez que este determinou a organização da totalidade do ensino por meio do estabelecimento de uma ordem sequenciada (Sacristán, 2000, p. 18).

Consideramos que a formação continuada é um espaço ideal para as docentes identificarem suas práticas apolíticas e perceberem sua atuação pedagógica frente a temas importantes. Continuar estudando possibilita que se atualizem nas temáticas recentes e pode ser um dos motivos pelo qual uma das docentes tem posicionamentos mais contrários em relação ao preenchimento do currículo escolar com datas/semanas de comemorações, e por isso trabalha de modo contínuo, temas importantes para a formação do sujeito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos um dos objetivos de abordar a ideia central da função social da escola, no qual tem como compromisso o desenvolvimento do educando, a transmissão do saber sistematizado, a garantia de aprendizagem dos conteúdos e conhecimentos que visem a formação do educando. Ao analisar as entrevistas, percebe-se que nem sempre os saberes são contemplados quando se utilizam de datas ou semanas para abordar temas educacionais e sociais no trabalho pedagógico.

É importante frisar que este estudo não teve a intenção única de afirmar que as datas comemorativas não devem fazer parte do currículo em ação ou do projeto político pedagógico das escolas, mas sim levantar aspectos relevantes para se repensar a forma como as datas são abordadas por meio dos planejamentos sem caráter crítico.

A respeito do currículo e suas fases, eles foram elencados com o propósito de explicitar o campo de currículo e sua atuação, bem como o impacto que suas fases realizam ao ensino e a ação do docente em sala de aula, desde a fase de prescrição até a fase de avaliações. Sacristán (2011) salienta que os currículos são complexos e com variações entre os países

Com a revisão de pesquisas acadêmicas publicadas, percebeu-se que o termo currículo festivo não foi apropriado para discutir a relação entre ensino e datas comemorativas, além de evidenciar que a problematização das práticas pedagógicas pautadas em festividades é um assunto que vem sendo discutido em anos recentes, direcionando o foco da pesquisa para outras áreas do conhecimento além da Pedagogia.

Pensando nessa linha de discussão, as datas comemorativas são vistas como aspecto que faz parte do cotidiano das docentes e dos educandos, e deve ser pensado como complemento do currículo para marcar dias que merecem ser lembrados.

Para tal finalidade, é preciso que os docentes bem como a coordenação, direção entre outros profissionais das instituições escolares sejam capazes de estruturar suas práticas pedagógicas e organização do currículo para além do planejamento baseado unicamente em datas comemorativas, permitindo espaço para formação de indivíduos críticos e reflexivos.

A partir de todo esse trabalho realizado, as entrevistas com as professoras permitiram compreender que os sentidos e significados que elas atribuem às datas comemorativas, pergunta inicial levantada nesta pesquisa, é, de um lado, vista como uma prática que ocasiona o engessamento da escola, provocando a hipertrofia apontada por Saviani (2011), e de outro lado, são consideradas importantes para a prática docente e sempre necessárias de serem abordadas.

As respostas divergentes concordam tanto com a crítica apontada por Silva (2022), no qual identificamos que as temáticas importantes são reduzidas a abordagens superficiais com o intuito de somar mais uma data ou semana no qual não oportuniza de fato aprendizagens significativas, como apontada por uma das professoras, quanto ao posicionamento

Possíveis propostas que viabilizem a articulação das datas comemorativas com o trabalho pedagógico devem partir da modelação do currículo pelo professor. É necessário conhecimento sobre os temas sociais e a compreensão de que esses temas devem perpassar todo o trabalho pedagógico ao longo do ano, não esgotando-se em uma única semana, oportunizando as aprendizagens significativas considerando os saberes regionais e locais e permitindo que os estudantes sejam ativos nesse processo.

Por fim, compreendemos que esta pesquisa não se esgota por aqui, devido à especificidade do campo currículo festivo em proporcionar um leque de questionamentos sobre a forma pelo qual temas sociais relevantes vêm sendo trabalhados nas instituições escolares. O trabalho realizado fomentou a curiosidade em aprofundar no debate para compreender de que modo outros assuntos importantes, como a pauta LGBTQIA+, relações étnico-raciais, estudos sobre as mulheres, entre outras minorias, são postas no currículo escolar da educação pública e modelada pelos seus agentes.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Bruna Ferreira Generali. **E HOJE, É DIA DE QUE? Problematicando as datas comemorativas enquanto equivalente aos conteúdos na pré-escola à luz da Pedagogia Histórico-Crítica**. 2023. 83f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Catalão/ Programa de Pós-graduação em Educação. Catalão-GO, 2023.
- BANDEIRA, Monique Vieira Amorim, DANTAS, Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto. Currículo em Movimento: Trajetória e Concepções. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.19, n. 1, p .390-404, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/47336/34920>. Acesso em: 20 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.
- CARVALHO, José Sérgio F. Algumas reflexões sobre o papel da escola de 2º Grau. In: **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, suplemente 2, p. 36-39, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rpef/article/view/139644>. Acesso em: 03 set. 2025.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento do Distrito Federal - Ensino Fundamental: Anos Iniciais - Anos Finais**. 2º ed. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-emMovimento-Ens-fundamental_19dez18.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.
- FLICK, UWE. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Administração Regional do Plano Piloto**. Disponível em: <https://www.planopiloto.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra>. Acesso em: 06 set. 2025.
- LIMA, Claudia Maria de Sousa. **AS DATAS COMEMORATIVAS SOBRE AS MULHERES NA ESCOLA: UM ESTUDO NOS DOCUMENTOS DA TV CEM (1994 – 2009)**. 2023. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação. Universidade estadual de Londrina. Londrina.
- MAIO, Eliane Rose; SILVA, Fernando Guimarães Oliveira; OLIVEIRA, Márcio. Dia dos Pais, Dia das Mães: quem está contemplado(a)? Discussões sobre eventos escolares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 105. Brasília, 2024.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Currículo, conhecimento e cultura. Indagações sobre o currículo**. In: Beauchamp, J.; Pagel, S. D.; Nascimento, A. R. (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p.17-48, 2007.
- MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. IN: OSTETTO, L. E (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL: NOTAS PARA UMA REFLEXÃO. Paidéia. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1993. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/paideia/a/DDbsxvBrtzm66hjvnLDdfDb/?format=pdf&lang=pt>.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e Incertezas sobre o currículo**, 2013.

SAITU, Cecília de Campos. **DATAS COMEMORATIVAS E O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: Reflexões sobre pedagogias decolonizadoras e relações étnico-raciais**. 2017. 79f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu/ Seropédica.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP, Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações**. Coleção Educação Contemporânea. 11º ed. rev., Campinas, SP. Autores Associados, 2011. Acesso em: 02 set. 2025.

SILVA, Francisco Thiago. **Currículo festivo e educação das relações étnico-raciais na educação básica**. Revista filosofia capital, v. 12, p. 16-33, 2017. Disponível em:
<https://www.filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/364>. Acesso em: 29 out. 2025.

SILVA, Francisco Thiago. **Currículo Festivo e Educação das Relações Raciais**. 2º ed. Brasília, **Kiron Editora**, 2022.

SILVA, Francisco Thiago. O nacional e o comum no ensino médio: autonomia docente na organização do trabalho pedagógico. **Revista Em Aberto**, v. 33, nº 107, p. 155-172. Brasília, 2020. Disponível em:
<https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4561>. Acesso em: 22 set. 2025.

SILVA, Joice Kelly de Oliveira Macedo. **PERSPECTIVAS SOBRE O CURRÍCULO OCULO: AS DATAS COMEMORATIVAS INTERPELAM O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2023. 94f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Lages.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e identidade social: Territórios contestados**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Alienígenas da Sala de Aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Leticia da Cruz; CARVALHO, Marina Porto. O uso de entrevistas e questionários na pesquisa educacional. *In*: SILVA, T. F.; SILVA, C. P. N. **Pesquisa aplicada a educação: perspectiva em mapas conceituais**. Editora Projeção. Brasília: UniProjeção, 1º ed., 2023.

YOUNG, Michael. PARA QUE SERVEM AS ESCOLAS? **Educação e Sociedade**, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302. Campinas, 2007.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “O Currículo Festivo em foco: olhares docentes sobre as datas comemorativas na escola”, de responsabilidade de Ana Luiza de Sousa Azevedo, estudante de graduação, da Universidade de Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Thiago Silva. O objetivo desta pesquisa é compreender quais são os sentidos e significados que as professoras de anos iniciais atribuem às datas comemorativas. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio da entrevista semiestruturada via remota, dispondo da gravação em vídeo com a finalidade de utilização tão somente para estudo, sem que esta seja divulgada ou compartilhada. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Nos empenhamos em socializar os dados obtidos durante todo o percurso.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, novembro de 2025

APÊNDICE B – Roteiro para entrevista com as docentes

Objetivo: Compreender quais são os sentidos e significados que as docentes atribuem às datas comemorativas em sua prática pedagógica.

Perguntas (em ordem)

1. Quais são suas considerações sobre as datas comemorativas incorporadas no calendário escolar?
2. Como você organiza seu planejamento de aula para dar espaço às atividades voltadas para as festividades?
3. Você acredita que as crianças aprendem algo com o trabalho das datas comemorativas?
4. Há alguma data comemorativa que você acredita ter relevância para ser trabalhada em seu planejamento? Se sim, qual?
5. O que você entende por “currículo”?
6. Já ouviu falar do termo “currículo festivo”? (Se sim, fale sobre).